

## Editorial

SEM  
CHORADEIRA

De acordo com a legislação, nenhum servidor público pode receber um salário mensal que ultrapasse a remuneração de um ministro do Supremo Tribunal Federal, isto é, R\$ 33.763 atualmente.

No entanto, não é isso o que acontece, tanto que, em novembro último, o Supremo teve de se posicionar a respeito do tema, determinando que vantagens pessoais que compõem os salários devem respeitar o teto.

Vantagens pessoais constituem quaisquer bônus conferidos ao servidor, individualmente, em razão de seu desenvolvimento na carreira, por determinação de decisões judiciais e administrativas.

São vantagens pessoais o adicional por tempo de serviço, o prêmio por produtividade, o quinquênio e o jetom. Outros benefícios, como o auxílio-moradia e a gratificação natalina, foram desconsiderados.

Reportagem de **O TEMPO** investigou a situação desses salários no Estado, apurando que, se a decisão do Supremo for cumprida, no ano que vem, haverá uma economia de R\$ 11,2 milhões para o erário.

A pesquisa verificou os salários líquidos percebidos neste ano pelos servidores dos Três Poderes, do Ministério Público e do Tribunal de Contas. Os números observados se restringiram ao período de fevereiro a outubro.

Se o Supremo proibisse outros benefícios, como o auxílio-moradia e a gratificação natalina, a economia passaria dos R\$ 100 milhões no ano. No entanto, já será um sucesso se for alcançado aquele valor.

A lei não é cumprida porque os órgãos de fiscalização são também beneficiários da irregularidade. Questionados, alegam que seguem a regra e que os casos que excedem o teto têm amparo judicial.

Está na hora de acabar com essa anomalia. Sem choradeira. Para reduzir o “dano” dos beneficiários, o Supremo está postulando um aumento salarial para seus ministros, que passariam a receber R\$ 39.293,38.

Só no Brasil é que isso acontece.

## SEMPRE EDITORA LTDA

**FUNDADOR** Vittorio Medioli

**PRESIDENTE** Laura Medioli

**VICE-PRESIDENTE** Luiz Alberto de Castro Tito

**DIRETOR EXECUTIVO** Heron Guimarães

**GERENTE COMERCIAL**  
Alessandra Soares

**GERENTE DE TECNOLOGIA**  
Fábio A. Santos

**GERENTE INDUSTRIAL**  
Guilherme Reis

**GERENTE ADMINISTRATIVO E FINANCEIRO**  
Walmir Prado

**GERENTE DE MARKETING**  
Monique Araki

**GERENTE DE CIRCULAÇÃO**  
Isabel Santos

**EDITORA EXECUTIVA**  
Lúcia Castro

**SECRETÁRIA DE REDAÇÃO**  
Michele Borges da Costa

**ADJUNTO DA SECRETARIA DE REDAÇÃO**  
Murilo Rocha

**CHEFE DE REPORTAGEM**  
Renata Nunes

**EDITORES**

Opinião: Victor de Almeida

Economia: Karlon Aredes

Magazine: Silvana Mascagna

Brasil/Mundo/Interessa: Aline Reskalla

Política: Ricardo Corrêa

Esportes: Denner Taylor

Cidades: Marina Schettini

Primeira: Frederico Duboc

Fotografia: Rejane Araújo

## O.PINIÃO



www.dukechargista.com.br



**FÁTIMA OLIVEIRA**

Médica

fatimaoliveira@ig.com.br

O cacto é exemplar de integração,  
perseverança e adaptabilidade

Se damos um ser vivo a alguém, estamos dando uma companhia

**A**s festas de fim de ano lembram-me muito minha avó materna, Maria Andreina, e sua mala de “cortes de tecidos”. Além de previdente, era uma sábia de nascença e com certeza jamais entupiria um shopping atrás de presentes no Natal.

Quando eu era criança, as “roupas de carregação” eram roupas baratas, compradas feitas. Diante de uma roupa mal-ajambrada, vovó não se calava: “Isso é roupa de carregação”, que hoje são as “sulancas” – baratas, feitas de aproveitamento de sobras de tecidos, inicialmente de helanca (vinda do Sul) na década de 60, em Santa Cruz do Capibaribe, no agreste de Pernambuco.

Vovó mantinha uma mala especial para guardar cortes de tecidos – da chita à seda pura e “outras sedinhas”, passando pelas musselines e pelos “chiffons”, de seda e de algodão, tafetá, brocado, organza e “pele de ovo”. Eu era fascinada por aquela mala trancada à chave! Era nela que vovó encontrava que presente dar a alguém e também era o celeiro para fazer uma roupa às pressas.

Talvez imitando vovó, durante anos mantive uma mala de livros escolhidos a dedo, a que recorria quando queria presentear alguém. Até hoje sou compradora quase compulsiva de “O Pequeno Príncipe”, de Antoine Saint-Exupéry – uma alegoria em prosa-poema sobre a amizade e a transcendência dela; sobre a sufrença e o encanto do amor e seu entorno filosófico; e que nos ensina o valor da ética da responsabilidade e das coisas que não estão à vista, mas no horizonte: “O que torna belo um deserto é que ele esconde um poço em algum lugar”... (“Do tempo em que ler ‘O Pequeno Príncipe’ era obrigação”, **O**

**TEMPO**, 8.2.2011).

Quando dou um presente, estou dando também um pedaço de mim. Há algum tempo, seja para criança ou adulto, só presenteio com cacto e/ou até um pequeno jardim de minicactos, cultivados por mim. Não conheço quem não se derreta diante do encanto de um minicacto, objeto de decoração que dá uma personalidade especial a qualquer ambiente.

De acordo com a sabedoria feng shui – “ciência e arte chinesas, de origem filosófica taoista, que têm por objetivo organizar os espaços com o fim de atrair in-

**Talvez imitando vovó, durante anos mantive uma mala de livros escolhidos a dedo, a quem recorria quando queria presentear alguém**

fluências benéficas da natureza” –, cactos são guardiões da casa e purificadores do ambiente – alguns cientistas dizem que formam uma barreira contra as ondas emitidas por aparelhos eletrônicos. Para o feng shui, “o nosso ambiente conta uma história. Então, se mudarmos os elementos desse ambiente de forma correta, poderemos mudar a nossa história de forma positiva” (Portal Feng Shui).

Especula-se que o poder da energia dos cactos muda ambientes positivamente. Ademais, um cacto, para mim puro sertão, é companhia de fácil cuidado e quase não exige nada: pouquíssima água – basta regar uma vez por semana no verão e uma por mês no inverno; gosta de

quietude, pois é bastante sensível, portanto evite manusear muito ou até mesmo balançá-lo para não prejudicar o seu ciclo vital. Boa luminosidade é essencial para a sobrevivência de um cacto, então, se dentro de casa, é necessário colocá-lo perto de janelas.

A terra ideal para plantar um cacto é quase inóspita – uma camada de um terço de pedrisco, incluindo pedacinhos de telhas ou tijolos e carvão vegetal triturado, mais mistura para cactos (proporção de duas partes de areia grossa para uma parte de terra adubada). Recomenda-se a cada um ano e meio trocar a terra do vaso, com bastante cuidado para preservar as raízes.

Quando damos um ser vivo a alguém, estamos dando uma companhia. No caso dos cactos, nativos de regiões áridas, estamos presenteando com exemplares de perseverança, adaptabilidade e integração.

DUKE

